

A SESSAO PAR... LAMENTAR



— Ordem do dia: desordem da marceneria.
— Ora aqui está para que elles querem mobilia nova...

Por ahí...



A outra semana foi toda consagrada á tuna de Compostella.

Mas a tuna foi-se embora e a cidade, esquecendo-a lepidamente, voltou esta semana as suas atenções para os tunces do caminho de ferro.

Depois dos tunces os tunces.

O *zum-zum*, essa voz mysteriosa que ninguém sabe de onde vem, mas na qual — e talvez por

isso mesmo — todos confiam religiosamente; o *zum-zum* começa a divulgar por ahí que essas longas galerias subterrâneas rasgadas nas entranhas da cidade, são como que outras tantas tenias que lhe vão solapando os intestinos e absorvendo as forças, até pregarem com tudo isto em terra n'um bello dia que não vem longe.

Afirmam os praguentos que a alameda e o jardim de S. Pedro de Alcantara vem necessariamente, mais tarde ou mais cedo, bater com os ossos, com o repulcho, com a cascata de conchinhas e as cascatas de chinos, com as creadas de servir e os soldados da municipal, cá em baixo na Avenida, tudo de cambalhada uns por cima dos outros, com grave quebra da moral publica e de muitas costellas pessoais.

Os poderes publicos, naturalmente impressionados pelos diagnostics aterradores que ahí circulam a respeito da tenia que se desenrola no bandulho da cidade, já resolveram providenciar contra os effeitos da tenia, applicando-lhe cordatamente a pevide de abobora d'uma vistoria de engenheiros.

Tapemos pois o nariz e aguardemos o resultado do purgante official.



Já chegou a Lisboa o Cyprianno Jardim, que fôra a Paris estudar os processos de aperfeiçoamento na eterna questão da direcção dos balões. Cyprianno Jardim adquiriu ali, por conta do estado, um valioso exemplar dos balões dirigiveis, com o qual brevemente fará em Lisboa as suas experiencias.

Dentro de curto tempo teremos, pois, o allacinha viajando não só á superficie da terra, como ainda em viagens aereas e viagens subterrâneas, sem respeito pela tranquillidade placida das andorinhas que vivem no espaço, nem consideração pelo somno pacato dos avoengos que dormem debaixo da terra — esses lisboetas simples, que nunca souberam o que fosse sair de casa a não ser a compras, e isso mesmo com regresso obrigado ao toque de Ave-Marias, segundo resa Tolentino:

«Quando todo o ginja rico
Para casa a prôa inclina,
Por temer facas de bico,
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o Joannico.»

O indigena, que morre por novidades, está sinceramente fervendo em pulgas por vêr a experiencia do aerostato do Jardim.

Essa experiencia offerece duas grandes novidades:

A primeira, deriva-se da posição social do aeronauta, que é major de artilheria: os acronautas que teem vindo a Lisboa, são todos *capitães*... provisórios; esta agora é um major e effectivo.

A segunda novidade da viagem aerea do Jardim, consiste em que essa ascensão nos offerece o espectáculo d'um *Jardim suspenso* — sem ser de Babilonia.

E, se se realizar a tal profecia de vir parar á Avenida o jardim de S. Pedro d'Alcantara, ahí temos nós dois espectaculos curiosos d'uma assentada: um jardim que desce e outro Jardim que sobe.



Politica em bolandas



Não foi sem profundo assombro que temos lido em grande numero de jornaes violentas reprimendas contra o procedimento da camara dos srs. deputados na memoravel sessão do ultimo sabbado.

A nosso ver, esse brilhante pro-

cedimento é antes digno de phrases encomiasticas que de palavras de censura. Porque a verdade é que nunca os illustres deputados cumpriram tão cabalmente para com o paiz as suas obrigações de representantes do mesmo...

Expliquemos e exemplifiquemos:

A empresa do Coliseu, *berbi gratia*, tem duas *troupes* de gymnastas: uma que agrada extraordinariamente ao publico, enchendo os espectaculos á cunha, outra que não agrada a pessoa alguma, deixando o circo constantemente ás moscas.

— Ora o que deve fazer n'este caso a empresa do Coliseu?

— Deve evidentemente apresentar todas as noites a primeira *troupe* e mandar a segunda pentear maçacos para Cabo Verde.

E é o que faz sempre a empresa do Coliseu, para agradar ao publico que a mantem pagando com o seu dinheiro.



Como vão vêr, este exemplo dos cavallinhos vem talhado de molde para os srs. deputados da nação.

— O que fazem ss. ex.^{as} durante a grande maioria das sessões parlamentares?

— Fazem discursos, fazem leis e não fazem mais nada.

— E o que faz o publico, quando ss. ex.^{as} fazem discursos e leis?

— O publico não faz caso, visto que não põe lá os pés.

Os jornaes noticiam: «Discutiui-se hoje na camara o lançamento das novas contribuições; o debate prosegue amanhã.»

A' primeira vista parece que esta noticia devia interessar profundamente o publico e que, no dia seguinte e, as galerias da camara se apinhariam até ás bordas. Pois não vae lá nem viv'alma!

Mas os jornaes referem: «Houve hoje grande sarra-bulho no parlamento; trocaram-se os mais violentos insultos e quebraram-se duas bancadas completas.»

No dia seguinte não cabe lá nem um alfinete, tudo esperançado na repetição do sarra-bulho.

Logo, é manifesto que o publico morre por chinfrins e não se importa com leis.

Ora o publico é quem paga aos srs. deputados e portanto o dever dos srs. deputados é fazerem a vontade ao publico.

Deixem-se pois de legislar e quebrem as ventas uns aos outros, que é a sua obrigação.



Durante o charivari da sessão parlamentar, alguns deputados que quebraram a mobilia empunhavam os pés das cadeiras erguendo-os ameaçadores.

Cadeiras de pés no ar

Foi notavel inversão!

Só faltou, p'ra a completar,

Ver homens de mãos no chão...



Salões, palcos e circos



Frederico é geralmente nome de galan de romance ou de alferes de caçadores—o que afinal vem a ser a mesma coisa: galan dramático, em todo o caso.

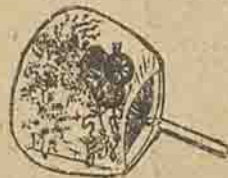
Parece-nos, pois, acontecimento por todos os titulos digno de registro o recente debute no

Gymnasio d'um Frederico de Sousa, que é galan comico—caso perfeitamente virgem nos annaes dos Fredericos, que são sempre galans dramaticos.

E, com este Frederico, dá-se ainda a celebridade de ter talento—o que, seja dito de passagem, é coisa que se não dá com todos os Fredericos—e de ser o primeiro Frederico que em nossos tempos debuta no theatro portuguez.



Deus ponha a virtude ao Frederico que debutou como actor, e ao actor que debutou como Frederico.



THEATRO DO GYMNASIO

SEXTA FEIRA, 2 DE MARÇO

FESTA ARTISTICA DO ACTOR VALLE



—N'este triste val' de lagrimas,

P'ra que val' chorar as penas?

—P'ra sujar lenços apenas,

Sem que alivios tenha o mal!

Mais nos val' ir ao Gymnasio,

Onde o Val' nos dá risadas

A bandeiras despregadas,

—Pois não val'?... Ora se val'!

OS GATOS



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Olhem a grande novidade dos gatos do Coliseu! Como se nós não tivéssemos também um gato que, sob a influencia do domador, transporta submisso todos os ratos e ratas e até passaros bisnaus que lhe põem sobre o cachaço!...

O CONGRESSO AGRÍCOLA



RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

—Então o que lhe parece o congresso agrícola?
—Fallando technologicamente, parece-me uma couve, que fechada ella é um repolho...

THEATRO DA TRINDADE

QUARTA FEIRA, 7 DE MARÇO
FESTA ARTISTICA DE LUCINDA DO CARMO



Vou pedir-lhe um camarote,
Um balcão, uma cadeira,
Um lugar de qualquer lote!
E Deus queira
Que ella queira
Que ella queira e possa dar-m'o...
Pois na festa da Trindade
Cae o Carmo
E a Trindade
A vêr Lucinda do Carmo.



Folhas soltas

O Reporter queixa-se duramente de que a galeria reservada para a imprensa, na camara dos srs. deputados, estivesse durante a sessão de segunda feira completamente cheia de sujeitos extranhos ás lides jornalísticas.

E' exaggerada a queixa do nosso collega. Tivemos o prazer de assistir a essa sessão, com um cavalheiro escanchado sobre o nosso coleirinho, cavalheiro de aspecto jornalístico muito duvidoso, e a quem por isso chegámos a perguntar com azedume mal disfarçado:

—O sr. tem por ventura relações com a imprensa?

Ao que elle nos respondeu, confundindo-nos de vez:

—Lido por dia com mais de cincoenta jornaes.

—?!...

—Para embrulhar toicinho...

Um outro cavalheiro, que passou toda a tarde empo-leirado sobre o nosso pé direito, é que effectivamente nos não cheirou a jornalista: cheirou-nos mas foi a bacalhóiro.

Confessamos que, de principio, o nosso olfato fez algumas caretas com aquelle cheiro de bacalhau, aggravado pelo aroma d'um dentinho pôdre, que ornamentava a bocca d'aquelle boião de extractos...

Mas, lá para as seis da tarde, á hora do jantar, o cheiro do bacalhau começou a affagar-nos suavemente a pituitaria...

Apenas sentimos que o dentinho pôdre não fosse antes um dentinho de alho...



O candidato governamental que venceu a eleição realisada no ultimo domingo, publica uma carta no *Diario Popular*, da qual extrahimos o seguinte começo de periodo.

«Uma coisa ha, porém, que me embacia...»

Este vocabulo, proprio de entrudo, foi necessariamente escripto para lisongear a pessoa do sr. José Luciano, demonstrando-lhe que tem ali um deputado a talho de foice para um *presidente de conselho carnavalesco*.

Mas talvez o sr. José Luciano preferisse que o illustre deputado, em vez de ser *embaciado*, fosse antes *vidrado*.



Diz uma folha nocturna
Que, na eleição do Tenreiro,
Vieram mortos á urna
D'ár alegre e prasenteiro.

Sendo o Tenreiro em questão
Doutor dos mais entendidos,
Vem provar tal votação
Que ha mortos... reconhecidos...



Scena fina e scena ordinoria

1.ª SCENA

Magotes de gente esturdia,
— Se bem que em fórma pebalta —
Fazem medonha balburdia,
Em berrata estapafurdia
Qual d'uma casa de malta.

Accesos em furia louca
Pregam murros na bancada,
Descompondo-se em voz rouca,
De espuma ao canto da bocca
E de manga arregaçada.

As palavras soam rijas
Como notas d'um trombone;
E, do chão, sobe ás cornijas:
— Pulhas! biltres! sevandijas!
Entre phrases de Cambrone...

De chapéu á zamparina
Quebram tudo n'um momento!
Todo o bairro se amotina...

.....
Passa-se esta scena *fina*
No seio do Parlamento!!!



2.ª SCENA

Em pacata sociedade,
Ante um prato d'hortaliça,
Vê-se um grupo — na verdade
Co' o respeito e a seriedade
De quem esteja ouvindo missa...

Chovem litros do Cartaxo
Que animar vêm tal festança;
— Porém, todos fallam baixo
Co' um receio do diacho
De accordar a visinhança...

Jogam damas, dominós,
A' luz d'um reles pavio,
Fallam de hortas, sol-e-dós,
Mas, se algum levanta a voz,
Logo os outros fazem: — schio!...

Sac, enfim, a *troupe* varia,
Na mais profunda harmonia;
Fica a rua solitaria...

.....
Dá-se esta scena... *ordinaria*
N'uma tasca á Mouraria...

Sam. Taramela



OS DOIS MENES



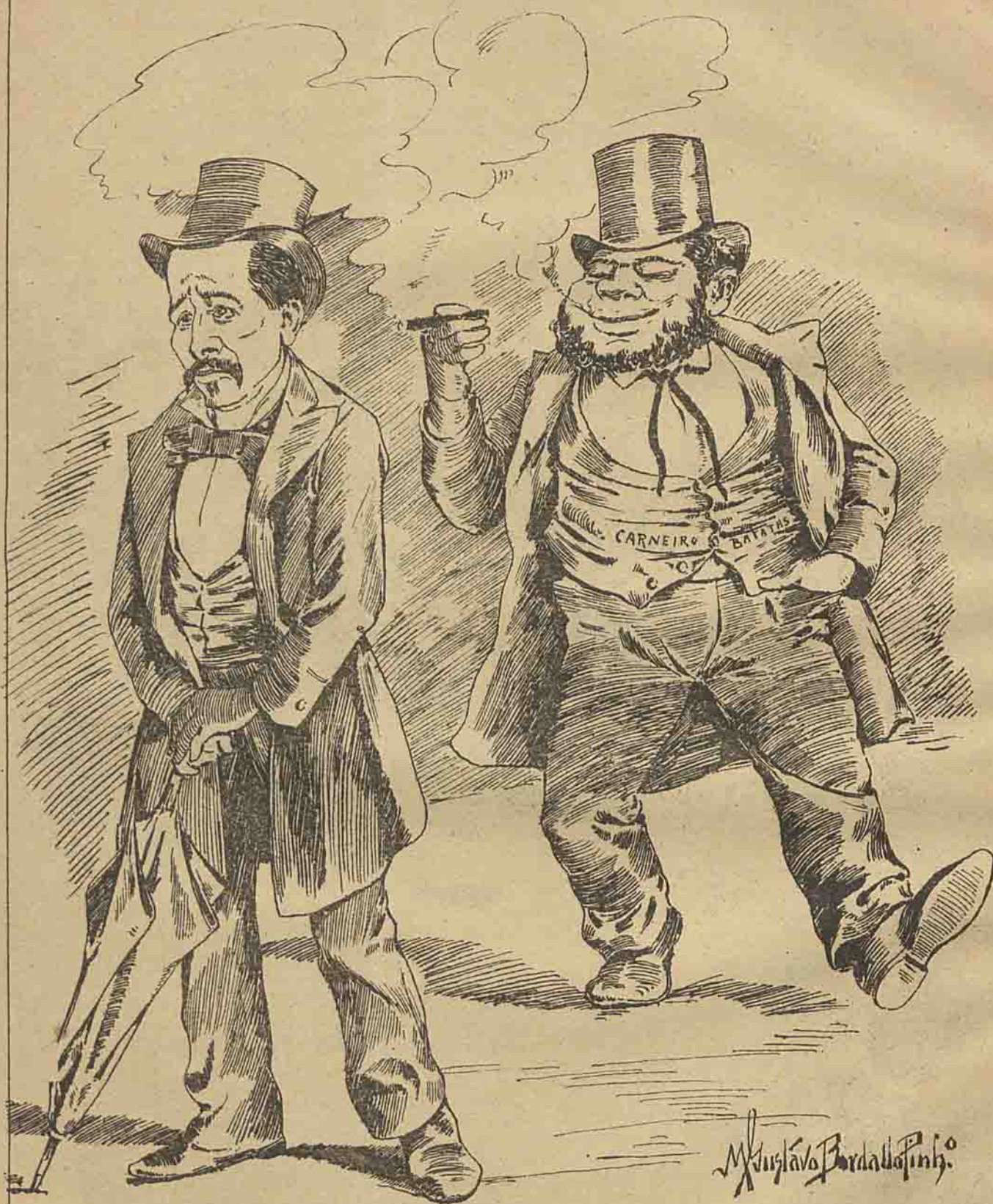
TEATRO DOS RESTAURADORES

A TUNA DE TUY

A *tuna de Tuy* é mais de que uma bexiga; é um odro de gargalhadas, que rebenta para ali estrepitosamente, fazendo rebentar ao mesmo tempo todas as presilhas de calças e colletes que lhe ficam ao alcance.

O desempenho é magnífico por parte de todos e muito especialmente por parte de Joaquim d'Almeida, que nos parece uma figura de Goya, envolto na sua capa de *tuno*, e do actor Pinheiro, que representa o gallego mais original de todas as conhecidas gerações de gallegos.

DEPOIS DA ELEIÇÃO



— Quando raiará — oh! Povo! —
Neste b̄arathro profundo,
A Aurora de brilho novo
Que ha illuminar o Mundo?!...

— Raiará tão branca — sim! —
Como a espuma das orchatas...
Quando eu me enjoar por fim
Do carneiro com batatas!